

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

LIMA, Haroldo Borges Rodrigues. Haroldo Borges Rodrigues Lima I (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS - ANP e AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS - ANP. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Haroldo Borges Rodrigues Lima I
(depoimento, 2005)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Regina da Luz Moreira; Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão;

Levantamento de dados: Regina da Luz Moreira; Sérgio Lamarão;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Regina da Luz Moreira; Sérgio Lamarão;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 02/12/2005

Duração: 1h 20min

Fita cassete: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "O petróleo na sociedade brasileira", na vigência do convênio entre o CPDOC/FGV e a Agência Nacional do Petróleo (ANP), entre setembro de 2004 e dezembro de 2006. O projeto visa à elaboração de um livro sobre a história do petróleo na sociedade brasileira, desde seus primórdios até a criação da ANP, no final da década de 1990, com ênfase na legislação elaborada ao longo do período. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro: "História social do petróleo no Brasil". / Regina da Luz Moreira e Sergio Tadeu Niemeyer Lamarão. Rio de Janeiro: s. e., 2005. Inédito. A escolha do entrevistado se justificou por ser Diretor-Geral da ANP.

Temas: Ação Popular (1962); Aldo Arantes; Anísio Teixeira; Atividade profissional; Bahia; China; Cuba; Ditadura; Engenharia; Ensino superior; Família; Golpe de 1964; Juscelino Kubitschek; Juventude Universitária Católica; Militância política; Partido Comunista do Brasil - PCdoB; Perseguição política; Petrobras; Petróleo; União Nacional dos Estudantes; Universidade Federal da Bahia;

Sumário

Entrevista: 02.12.2005

Fita 1-A: Origens familiares; a relação e influência do tio paterno, Anísio Teixeira; a oposição à presença de Anísio Teixeira no governo de Juscelino Kubitschek; a entrada na universidade e a participação na Juventude Universitária Católica (JUC); a chegada de Aldo Arantes, membro da JUC, à presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE) e suas iniciativas, como a UNE Volante e a filiação à União Internacional dos Estudantes (UIE); a articulação pela criação da Ação Popular (AP); comentários sobre a atuação pós-Golpe de 1964; os Debates Teóricos Ideológicos (DTI) dentro da AP, a definição de sua linha marxista-leninista e a sua transformação em Ação Popular Marxista-Leninista (APML); a participação da APML na Organização Latino-americana da Solidariedade (Olas), em Cuba, e a posterior viagem à China.

Fita 1-B: A integração da APML no Partido Comunista do Brasil (PC do B); a formação do entrevistado em engenharia elétrica na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia em 1963; o primeiro emprego no Departamento de Energia do Estado da Bahia e a sua demissão logo após o golpe de 1964; o emprego na General Eletric e a mudança para a Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba); o interesse pelas questões do petróleo e a participação em atividades ligadas a Petrobras; o trabalho na zona do cacau da Bahia; a ida para São Paulo e a prisão, em 1976; a segunda prisão em Salvador; a fundação do PMDB na Bahia e a eleição do entrevistado a deputado federal em 1983; o início da articulação do entrevistado com a Petrobras e o interesse nas questões relativas ao petróleo; comentários sobre a participação do entrevistado na Constituinte e a elaboração da Constituição Federal; a legalização dos partidos comunistas e o novo mandato do candidato pelo PC do B; a Revisão Constitucional em 1993 e a necessidade do entrevistado em defender o monopólio estatal do petróleo e da Petrobras.

Fita 2-A: Comentários sobre as discussões acerca da Emenda nº 9, que objetivava acabar com o monopólio estatal do petróleo que era exercido, em exploração e produção, pela Petrobras; o convite para a direção da Agência Nacional do Petróleo (ANP); comentários sobre a atuação como diretor-técnico da ANP; comentários sobre o crescimento do setor do petróleo e sobre o crescimento da Petrobras; o projeto de se criar no Brasil o setor de pequena e média produção de petróleo.

Entrevista: 02 de dezembro de 2005

Sérgio Lamarão – Dr. Haroldo, então, vamos conversar sobre o seu ingresso na Faculdade de Engenharia, lá em Salvador. Não foi isso?

Haroldo Lima – Em Salvador. Exato. Eu estava contando... Primeiro eu estava me referindo a que eu sou de origem interiorana, lá da cidade de Catité, e de família patriarcal, tradicional, da confluência de duas famílias importantes no sertão da Bahia, que é a família Rodrigues Lima e que é a família Teixeira. A família Rodrigues Lima deu o primeiro governador da Bahia, que é o Joaquim Manoel Rodrigues Lima, e a família Teixeira deu, principalmente, o Anísio Teixeira. Aquelas famílias eram todas muito grandes naquela época, o meu bisavô, Diocleciano Teixeira, teve muitos filhos, e quando nascia um filho da terceira mulher dele... Porque ele foi casado com três irmãs. À proporção que uma morria, ele casava com a segunda. Morreu a segunda, ele casou com a terceira. Então, alguns filhos do último casamento eram criados pelos filhos... dos que já estavam casando também etc.

S.L. – Dos casamentos anteriores.

H.L. – Dos casamentos anteriores. Então, quando o tio Anísio nasce, em 1900, é no mesmo ano em que nasce o meu pai, e eles foram criados por ali, juntos, a mesma idade, a mesma turma etc. Eu estava dizendo que, na continuidade, eu fui criado um pouco com a notícia de que o Anísio era... Todos gostavam muito de Anísio, admiravam muito Anísio, lá em Catité, na Bahia e, particularmente, em minha família. Ele era um ídolo da família. Mas era um ídolo, para mim, um pouco abstrato. Eu não sabia exatamente. Ele era um cara famoso, um cara inteligente, mas eu não tinha um conhecimento mais substancial de o que ele era mesmo. Educador, secretário de Educação, isso eu sabia. Quando eu ia fazer vestibular... Eu era aluno do Colégio Marista, em Salvador. Eu era aluno do Colégio Marista, fui aluno interno, depois aluno externo, e em um determinado momento, eu fui chamado a uma passeata. E eu estava animado na passeata. Eu não sabia bem para o que era a passeata. E eu estava animado, eu era um garoto, um garotão.

S.L. – Anos 50?

H.L. – Era nos anos 50. Eu faço vestibular parece que no ano de 59. É, em 59 eu entro na faculdade. Isso deve ter sido aí por 57 ou 58, uma passeata. E no que eu estou na passeata, mas muito animado, vibrando, gritando e essas coisa todas, eu descubro, alguém me diz que era uma passeata contra o Anísio Teixeira, que era o homem que estava ameaçando as escolas privadas, as instituições privadas. [risos] Eu falo: "Mas como!? Contra tio Anísio?" Eu fiquei chocado. Eu me lembro que eu fiquei todo desengonçado no resto da passeata. Eu não sabia como entender aquela história toda, não é? Depois, um episódio que foi marcante é que eu também fui convidado a ir a uma palestra – aí eu já era vestibulando, eu fui a uma palestra promovida pelo curso lá onde eu estudava – e essa palestra era toda em cima da crítica ao pensamento educacional de Anísio Teixeira. Eu fiquei aí chocado. Eu ouvi tudo atento, eu não conhecia, e quando terminou a palestra, eu procurei o coordenador da palestra e disse para ele: "Olha, eu só queria saber o seguinte, quando é que vai ter a palestra para defender as ideias de Anísio?" Ele ficou surpreso: "Mas como defender? Mas de jeito nenhum". "Como é que vai ser?" Ele falou assim: "Não, é contra agora. Vai ter uma outra". "Não vai estabelecer uma contraditória ou uma coisa assim?" "Não, não está previsto isso, não. Você quer fazer?" Eu fiquei surpreso e falei: "Quero". Ele disse: "Então, pronto. A gente marca aqui uma palestra e você expõe". Eu saí no dia seguinte a toda para as livrarias...

S.L. – Para ler. Para conhecer.

H.L. – E comprei os livros que tinham de Anísio. Em particular, eu comprei o *Educação não é privilégio*, e comprei mais uns dois ou três. Todos os que tinham na Livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile, em Salvador. Hoje não existe mais isso. Fui para casa, e o primeiro que eu peguei, me debrucei, foi em cima do *Educação não é privilégio*. E aí é que é curioso, porque quando eu terminei de ler o livro, eu era um cara assim, anisiano, consciente e de esquerda. O que me trouxe para a esquerda foi aquele livro.

S.L. – Foi essa leitura.

H.L. – Foi aquele livro, *Educação não é privilégio*. Eu fiquei consciente da... Uma consciência, evidentemente que parcial, localizada. Mas sob o ângulo da temática da educação pública,

universal e gratuita, eu abordei a questão da esquerda. Eu passei a me considerar um cara daquele ramo, daquela turma da esquerda etc. Aí, entro na universidade, a tal palestra terminou não existindo...

S.L. – Ah, não? Pois é, isso que eu ia perguntar. Não teve.

H.L. – Não, não existiu. Não houve a palestra, ninguém se animou muito para fazer aquilo.

Regina Luz – Mas ela teve uma função social, que foi a sua entrada, não é?

H.L. – É, foi a minha entrada. Ela me preparou um pouco para a história. Ela não se consumou porque não era... Aquele ambiente não estava muito a fim de fazer uma palestra, era um negócio da escola privada. Na época, vamos dizer, a maré montante contra as ideias da escola pública, vindas aí pela esteira da escola privada e, de certa maneira, patrocinada pela Igreja Católica, era muito grande. O manifesto que se fez naquela época, quando Juscelino assume... Porque o Anísio, a figura do Anísio é muito interessante porque ele ocupa um papel destacado na educação brasileira durante muitos anos. Ele nunca foi ministro, mas nunca deixou de ser o segundo do ministro.

R.L. – Ele era muito mais que isso, porque ele era um formulador de política educacional.

H.L. – Era um formulador de política e o homem que controlava ou que decidia sobre a aplicação das verbas. Então, ele faz isso durante anos. E todo ministro que entrava deixava ele no lugar em que estava. E esse lugar que estava era, na época, o Inep, a [inaudível], essas coisas. Inclusive, algumas foram fundadas, organizadas por ele. E ele era um homem chave ali. Quando surge o Juscelino – quando surge que eu falo é quando houve a vitória de Juscelino –, a Igreja Católica foi em cima do Juscelino: "Agora nós vamos mudar. Não é possível". Então, foi uma pressão sobre o Juscelino: "Olha, é preciso tirar o Anísio da posição que ele está", dando o que chamava na época "as pílulas vermelhas para a educação". "É preciso acabar com isso." Mas uma pressão grande sobre o Juscelino. E surge então um manifesto dos bispos do Brasil, encabeçados por Dom Vicente Scherer...

S.L. – Lá de Porto Alegre.

H.L. – ...que era o bispo de Porto Alegre e era virulento contra Anísio. Mas virulento. E aí começa... Eu acho que é por aí que surge essas passeatas etc. Eu era rapazola na época, depois é que eu fui compreender melhor isso, mas o certo é que como isso aparece com força, mas aparece assim... e a imprensa e todo mundo, surge então uma coisa importantíssima que, segundo formulações, teria sido a maior resistência intelectual já feita no Brasil. Em defesa de Anísio. Quando eles tomam consciência de que havia um movimento muito forte para tirar o Anísio, e esse movimento estava dando certo... Porque o movimento estava dando certo da seguinte forma: o Juscelino chamou o dom Hélder Câmara e pediu para o Dom Hélder falar para o Anísio que não estava dando, a barra é muito pesada. E o Anísio era uma pessoa muito cordial, como se diz assim, um pouco negócio do linguajar do homem cordial, mas era um cara... "Tá bom. O senhor quer que eu saia, eu saio".

R.L. – Não tem problema.

H.L. – "Não é esse o problema, não. Tudo bem". Ele próprio disse, certa feita, em ambiente familiar, que ele já tinha decidido sair, que ele já estava absolutamente certo que ia sair. Quando ele estava certo que ia sair, ele se dá conta que se criou no país um movimento da intelectualidade em defesa da inteligência, como eles diziam, contra o obscurantismo. Queriam tirar Anísio não era por outra razão, é porque ele era um cara brilhante, é porque era um cara que difundia a educação pública. "O que é isso mesmo? Ah, uma coisa obscurantista". E aquele movimento etc. e tal. Aí, criou-se aquela situação bastante grande. E então, o Dom Hélder voltou ao Juscelino, e o Juscelino foi perguntar a ele algumas coisas e ele disse: "Olha, criou-se uma situação que agora, se o senhor tira o Anísio, o senhor vai se antagonizar com a intelectualidade brasileira logo assim de saída". E aí, criou-se aquela coisa, e o Juscelino então deliberou que ele ficava. Esse fato foi de grande significado na época etc. Aí nós ficamos... Eu já era um cara tido como de esquerda, aí fiquei muito satisfeito e essa coisa toda. Bom, nós começamos por aí para contar da vida...

S.L. – Quanto a isso, o senhor deu alguns elementos, que eu estou juntando com a sua biografia, que a sua entrada na esquerda é pelo lado católico.

H.L. – É pelo lado católico.

S.L. – O senhor foi de JUC?

H.L. – Fui da JUC, da Juventude Universitária Católica. Aí eu entro na universidade. Quando eu entro na universidade, eu já entro com uma certa contradição, porque o Anísio, que tinha sido um católico muito grande no passado, na época de adolescência etc., já não era mais católico. Ele não tinha rompido, mas era um agnóstico. Eu entro como católico. Eu tinha saído do Marista. Quando eu entro, no dia que eu estava tomando trote, estava com o cabelo cortado, na hora do trote, uma pessoa me procurou e disse: "Quem é aqui Haroldo Lima?" Eu falei: "Sou eu". Ele, no meio do trote ele disse: "Você não quer se reunir conosco? Têm umas recomendações a seu respeito, umas pessoas que lhe conhecem e que acharam... Você não quer, amanhã, às três horas da tarde a gente se encontra ali? Eu sou Jorge Leal Gonçalves Pereira. Você me procure amanhã, eu estou ali, para a gente conversar sobre a escola". Aí eu fui, no tal dia seguinte. Aí: "Nós temos uma reunião, nós temos um grupo aqui chamado JUC, que é a Juventude Universitária Católica, eu estou lhe convidando para você entrar porque eu soube que você gosta de política". E eu aí: "Eu estou dentro desse negócio". Aí então, tinha movimento, tinha greve, aí nós entramos nesse negócio. Dentro da JUC, começa a surgir a problemática da escola pública de novo, e aí eu apareço como uma pessoa defendendo a escola pública e defendendo o Anísio Teixeira. E isso criou uma certa contradição dentro da JUC, de sorte que a JUC da Bahia, que era uma das mais importantes das JUCs nacionais naquela época, ela, nesse particular, ela toma uma posição diferente de outras posições aí. E a própria JUC, como conjunto, avançou nesse rumo, um rumo mais progressista e que deu na Ação Popular.

S.L. – A JUC é o grande celeiro da AP, não é?

H.L. – É o celeiro de onde saiu a AP. A partir de determinado instante, a JUC termina... Fazia parte da JUC: o Betinho, Herbert José de Souza; o Aldo Arantes, aqui pelo Rio; eu fazia lá em Salvador etc. Tentou-se articular a candidatura de Betinho para presidente da UNE, e lá no congresso de Belo Horizonte o Betinho perdeu e foi eleito Oliveiro Guanais, que é um baiano que foi presidente da UNE.

S.L. – Eu cheguei a fazer contato com ele por telefone.

H.L. – Derrotou o Betinho.

S.L. – E era de que tendência, o Oliveiro?

H.L. – Não, era um cara independente. Era um cara independente. Era de Catité também.

S.L. – Ah, é?

H.L. – É, era de Catité. Quando termina a gestão de Guanais, aí aparece o Aldo como candidato. E Aldo foi eleito, no famoso congresso de Quitandinha, aqui em Petrópolis, não é isso? O Aldo, presidente da UNE, é da JUC. Então, era a JUC que chegou à cúpula do movimento estudantil brasileiro. Em tudo quanto era lugar, nós estávamos com uma presença muito grande e que refletia um momento, assim, da esquerda no Brasil, que era a crise do antigo partido.

S.L. – Do Partidão, não é?

H.L. – Do Partidão antigo, e que era o Partido Comunista do Brasil, com esse nome, mas quando surge o [inaudível] da União Soviética, objeto do congresso etc., ele entra e crise aqui e começa... muda, não é? E o partido cai um pouco, se desfalece, perde ritmo, perde direção, fica confuso. E nesse vácuo, cresce a JUC, no meio da...

S.L. – Mas já como AP? Já existia?

H.L. – Não, cresce JUC. E ao crescer a JUC, com força, e o momento culminante é Aldo na presidência da UNE, cresce a JUC e o Aldo toma então... A gestão de Aldo foi a coisa mais extraordinária que já existiu no Brasil em termos de movimento estudantil. Está longe de ser seguida pelo segundo colocado, na minha opinião. E não é pelas virtudes pessoais de Aldo, que existem também. Mas não é por isso, não, é pela situação que ele enfrentou. Ele é contemporâneo de coisas excepcionais. Mal ele tomou posse, o Jânio renunciou. E aí surge a

crise da legalidade. Com um espírito de oportunidade muito grande, ele se desloca imediatamente. Nós ainda estávamos discutindo o que fazer quando: "Cadê o Aldo?" O Aldo estava em Porto Alegre.

S.L. – Estava em Porto Alegre com o Brizola.

H.L. – Com o Brizola, falando na Cadeia da Legalidade. E a gente fazia coisas incríveis. Eu me lembro bem, lá na Bahia, a gente pegava... Não tinha lugar para... A Praça da Sé, a gente botava os alto-falantes no meio da avenida anunciando: "Às 18 horas de hoje, vai falar o presidente da UNE e Leonel Brizola". Juntava gente. Era um comício. E Aldo falava de lá, pela Rádio Farroupilha. E metia bronca, ele dava palavra de ordem para o Brasil inteiro. Era uma coisa extraordinária a chamada Cadeia da Legalidade que se criou. Termina isso, e com base nisso, Aldo se articula com o Brizola, e com a força que o Brizola tinha na Varig, arruma a chamada UNE Volante. Um avião da... A Varig deu...

S.L. – Eu nunca soube disso.

R.L. – Eu também não.

H.L. – A Varig, digamos... Não é financiou, ela não financiou, ela liberou...

S.L. – Liberou um avião.

H.L. – Liberou voos da UNE pelo Brasil inteiro. E a UNE fez... A chamada UNE Volante é outra coisa extraordinária, é um grupo de estudantes, um grupo grande de estudantes viajando em todas as capitais do Brasil. Outro dia eu estava vendo isso com o Aldo, parece que só foi uma ou duas que não foram, eu não me lembro quais foram. E em todo lugar que chegava, a palavra de ordem era a seguinte: "A UNE veio para unir". E era unir em torno de opiniões, em torno de posições avançadas, em torno de teatro. Tinha uma peça de Boal, e essa coisa. Era uma coisa maravilhosa aquela movimentação que se fez na UNE. Terminou aquilo, começa a greve de um terço. A greve de um terço é por um terço de participação de estudantes nos conselhos universitários. Essa greve demorou não sei quantos meses. É uma coisa

extraordinária a tal da greve. E, paralelamente a isso, o Aldo funda o tal do CPC da UNE, no qual entra o Chico Buarque de Holanda, Augusto Boal, o Vianinha, que parece que era o principal da época, de onde surge também o Caetano – não, Caetano Veloso não entrou por aí, não –, o Capinan, na Bahia. É uma turma, é uma plêiade de gente que vai surgindo por aí.

S.L. – É, é uma geração muito talentosa, não é?

H.L. – Muito talentosa e dinâmica, não é? Muito talentosa e dinâmica etc. Mas eu estava dizendo então, voltando ao fio da meada, o Aldo aparece assim. Uma das primeiras coisas que Aldo faz quando chega à presidência da UNE é filiar a UNE à UIE.

S.L. – É a de Praga?

H.L. – A UIE é a União Internacional dos Estudantes, sediada em Praga, vinculada ao Partido Comunista da União Soviética. Bom, a UNE, até então, tinha sido basicamente dirigida por gente ligada ao Partido Comunista, aos comunistas, ao PC, ao Partido Comunista do Brasil na época, que não era o Comunista Brasileiro. Aí, quando aparece a filiação da UNE à UIE, aí veio uma ordem do Vaticano para expulsar Aldo da JUC. "Não é possível que a UNE, que até então era dirigida pelos comunistas, não se tenha filiado à UIE. Na hora que é dirigida pela JUC, passou a ser filiada à UIE? Isso não é possível!" Aí, pronto. Quem deu o recado, quem mandou chamar o Aldo para informá-lo que ele estava expulso foi Dom Hélder Câmara.

S.L. – Dom Hélder?

R.L. – De novo.

H.L. – De novo. O Dom Hélder chega para Aldo e diz para Aldo: "Meu filho, eu queria dizer que não deu certo, esse negócio daí criou uma situação constrangedora etc." Eu não sei se ele disse "você está expulso", mas, vamos dizer: "É melhor se retirar, estar afastado da JUC. A nossa ideia é essa etc. e tal E eu estou lhe dizendo isso a pedido de Dom Jaime de Barros Câmara".

S.L. – Era o arcebispo aqui do Rio.

H.L. – Dom Hélder era auxiliar.

S.L. – Era bispo auxiliar.

H.L. – Era bispo auxiliar. Aí o Aldo disse: "Mas eu não aceito isso. Eu quero que Dom Jaime me diga isso". Ele falou: "Não, meu filho, não tem esse problema". "Não, que não tem problema! Até logo". Levantou-se e foi ao palácio. Aldo era absolutamente atrevido, atrevido, insolente. Chega no palácio do...

S.L. – Palácio São Joaquim, não é?

H.L. – São Joaquim, não é? Entra e diz: "Eu quero falar com Dom Jaime". Aí o bispo: "Não, mas você tem audiência?" "Tem nada de audiência não. Diga que é o presidente da UNE que está aqui para falar com ele", numa arrogância fora do comum. Aí, não pode, não pode, não pode, ele vai entrando e empurrando as portas, empurrando as portas e chegou onde estava o Dom Jaime. Chegou e aí teve uma alteração. Ele disse: "Eu vim aqui para o senhor me informar o que mandou me dizer pelo Dom Hélder". Aí ele: "Meu filho, senta aí. A questão é essa, é preciso ter paciência. Mas repare bem..." O Aldo se levantou fez uma declaração formal, enfática, de protesto contra aquilo e se retirou. Bom, afora isso, criou-se o fato. Quer dizer, o nosso principal líder, o mais expressivo, tinha sido expulso da JUC. A partir daí, cria-se uma situação, porque existia em toda a JUC no Brasil uma tendência de esquerda, da qual fazia parte o Aldo, o Betinho, eu e diversos outros, e esse pessoal começa realmente a ter um problema o seguinte: está demais com a Igreja.

S.L. – "A gente está demais com a Igreja".

H.L. – "A gente está demais com a Igreja porque nós estamos sendo um partido político dentro da Igreja e a Igreja não é partido político, muito menos um partido de esquerda como nós." Aí é que surge, no Betinho, a ideia de articular um partido à parte. E ele realiza essa sua ideia através da UNE Volante. O Betinho põe na UNE Volante e sai. Como a UNE ia em tudo

quanto é lugar do Brasil, ele, em tudo quanto é lugar que chegava, aproveitava para articular a esquerda da JUC local e outras personalidades que a esquerda da JUC indicasse naquele ambiente. E ali ele faz contatos, aqui, ali, acolá. Quando termina a UNE Volante, está articulada a Ação Popular.

S.L. – Quer dizer então que o senhor acha que o Betinho foi o grande articulador.

H.L. – Não, não acho, não, ele foi o grande articulador.

S.L. – Foi.

H.L. – Isso não é opinião nossa, isso é um fato [inaudível].

S.L. – Eu não sei como é que está isso na biografia dele.

H.L. – Não, isso é esquecido. Eu escrevi um artigo sobre o Betinho uma vez, assim, "As coisas esquecidas de Betinho". Ninguém sabe dessas coisas esquecidas de Betinho. Aliás, ninguém gosta de saber dessas coisas.

S.L. – Porque o CPDOC lançou um livro agora sobre o Betinho.

H.L. – É? Mas eu via um pouco a... a televisão e essa coisa toda. Aí eu escrevi uma coisa. Eu não sei aonde é que está, mas eu escrevi qualquer coisa sobre Betinho, retomando um pouco...

S.L. – Essas origens do Betinho.

H.L. – Essas origens, a origem que eu conheci. O Betinho que eu conheci e do qual eu era amigo é esse Betinho que não se fala mais hoje, é um cara brilhante, é um cara de esquerda, claro, vamos dizer assim, organizador. E aí surge a AP. Quando a AP surge, o primeiro coordenador nacional da AP, formalmente, chamava-se Herbert José de Souza, o Betinho. Ele era o coordenador. Ela surge através de três reuniões: a primeira reunião que se realiza é em Belo Horizonte – aí ele chama uma reunião, realiza em Belo Horizonte uma reunião com um

grupo ainda pequeno –, a segunda reunião foi feita em São Paulo, também um grupo pequeno, e a terceira reunião foi em Salvador. Aí sim, já é em 1962, durante o carnaval de Salvador. Você já imaginou que coisa? No meio do carnaval. O carnaval estava se dando aqui e nós na Escola de Veterinária da Universidade Federal da Bahia. Ficamos o período todo do carnaval reunido.

S.L. – Em retiro.

H.L. – Em retiro ali. E desse congresso já participou o Serra, o Serra participou deste congresso, participou o Serra, o Duarte Pereira, o Betinho...

S.L. – O Osni Duarte Pereira?

H.L. – Não, não.

S.L. – Quem é esse Duarte Pereira?

H.L. – É Duarte Brasil Lago Pacheco Pereira, o nome dele é assim. Duarte Pereira é um cara importante aí, que tem contradições conosco, até hoje está vivo, um cara muito importante e muito sério, um intelectual de grande proa, dos maiores que teve. Nesse congresso, foi o elemento chave do congresso. Porque o Documento Base chamado, que é, como o nome está dizendo, o Documento Base, no qual surge a Ação Popular, é redação de Duarte e do padre Henrique de Lima Vaz. O padre Vaz era o grande ideólogo daquela turma, e o Duarte era o tradutor do padre Vaz, em termos, vamos dizer, laicos, em termos laicos. É brilhante também etc. e tal. Então, surge o Documento Base. O Documento Base tinha uma certa perspectiva filosófica. Não era só um documento político, não, tinha uma concepção filosófica. É muito interessante esse processo. E aí surge a AP. Quando a AP surge, ela já aparece na esteira dessa força que a JUC tinha em nível nacional e que era uma coisa extraordinária.

S.L. – Já surgiu bem organizada, não é?

R.L. – Forte.

S.L. – É, surge forte.

H.L. – Ela surge como o maior partido político no movimento estudantil. Surge com o presidente da UNE, surge com diversos presidentes. E em seguida teve...

S.L. – Quer dizer, a AP tinha, na verdade, várias direções regionais da UNE sob seu controle.

H.L. – Já sob controle. Já sob seu controle. E quando ela... Nos próximos congressos da UNE, eu não sei se é no próximo ou no outro... Porque a AP passa a ter dez anos seguidos de domínio na UNE. Não tinha nenhum presidente da UNE que não tenha sido da AP. Foram dez anos seguidos de gente de AP. E tinha congresso de UNE em que tinha assim, três candidatos, todos três de AP.

S.L. – Ah, é?

H.L. – Era isso mesmo, todos três de AP. Era uma coisa interessantíssima. Aí é quando vem o golpe de 64, nós não vamos mais falar nisso, e aí a coisa toda se complica, porque o golpe bate firme em cima de... O Betinho vai... Depois do golpe, a coisa vai mudando muito. O golpe foi um...

S.L. – Foi um divisor de águas.

H.L. – É, um divisor de águas etc. Aí o Aldo foi embora para o... Aldo e Betinho foram embora para o Uruguai, fugindo e essa coisa, e eu fiquei, não é? Eu caí escondido, fiquei escondido um certo tempo e depois voltei de novo. Não entrei na clandestinidade aí, agora, não. E quando chega em 65 por aí, a gente reorganiza a AP com muito cuidado. Aldo veio de lá de fora [inaudível] aqui. O Aldo já entra na clandestinidade mais ou menos por aí e eu vou entrar uns dois ou três anos depois. Um pouquinho antes do negócio de 68, eu senti a coisa apertar muito do meu lado. Eu era engenheiro da Coelba e estavam prendendo gente que era subordinada a mim, e eu percebi. "Estão prendendo o subordinado a mim..."

S.L. – Vai chegar, não é?

H.L. – "Logo vai chegar a mim." Não tinha jeito. Eu então tirei o time, caí na clandestinidade. O Betinho foi para Cuba, nesse período, e voltou. Mas quando voltou, também já voltou um pouco... vamos dizer, já não era o líder principal da AP. Ele deixa a liderança principal. Ele era o líder principal de AP. Ele, anteriormente, não era um líder oficioso, não, era um líder de direito e de fato. E ele perdeu esse papel de direito e de fato nesse período assim, quando ele retorna, em 67. Aí já estava diferente. Em 67 é que gente lança uma coisa chamada DTI, que é o Debate Teórico Ideológico. Era um debate teórico ideológico sobre o marxismo. Porque a gente começou a ser muito minado por ideias marxistas. "Esse negócio do marxismo está aqui dentro. Será que vai ser mesmo? Nós vamos fazer uma coisa, vamos estudar sistematicamente isso".

S.L. – A AP se considerava marxista?

H.L. – Não, aí, nesse momento que eu estou falando, não.

S.L. – Até esse momento, não.

H.L. – Até esse momento, não. Quando ela abre o Debate Teórico Ideológico, era sobre o marxismo, para exatamente limpar essa área. Ou era ela... Ou era...

S.L. – Ou era ou não era.

H.L. – Ou era ou não era. E aí o debate foi uma também coisa interessante, do ponto de vista assim, intelectual, porque o debate foi sistematizado, articulado: o primeiro texto, esse; o segundo texto, esse; o terceiro texto, esse. Diversos textos marxistas básicos: *Contribuição à crítica da economia política*, o *Que fazer?*, e tinha obras de Mao Tse-Tung também. No meio do debate, quando nós conferíamos, inclusive na direção de AP, e eu era da direção de AP – desde a primeira direção até a última eu fui da direção – e eu me lembro bem, quando a gente estava num debate assim, uma hora, só para conferir um pouco, alguém disse: "Bom, mas eu, hoje, já sou marxista". Aí o outro: "Mas eu também já sou". Aí nós todos éramos marxistas, na

direção do debate. Quer dizer, o debate nos levou a isso.

S.L. – Esclareceu. Clareou, não é?

H.L. – Esclareceu, clareou etc. Bom, e aí a AP se transforma... Aí, sim, ela se transforma em Ação Popular Marxista-Leninista, APML. E no processo de APML, e aí a ditadura já estava de vento em popa, matando e essa coisa toda, nós descobrimos o PCdoB. Fomos descobrir o PCdoB sabe aonde? Em Pequim. Porque a clandestinidade era muito grande naquela época. O PCdoB já estava em francos preparativos da guerrilha do Araguaia, e aquilo era feito, evidentemente, na maior das clandestinidades. Nós também estávamos muito clandestinos. Existiam grupos aí chamados clandestinos, mas que não aperfeiçoaram a clandestinidade. Nós aperfeiçoamos muito. Você vê que, por exemplo, de AP, de APML nessa época, a direção, o núcleo de AP não caiu. Só o núcleo do PCdoB e o núcleo de AP não caíram até o fim. No fim caiu. No fim caiu a direção do PCdoB.

S.L. – Foi uma sobrevivência muito mais longa.

H.L. – Muito mais longa. Eu fui preso em 76, já é no fim da ditadura.

S.L. – Já é governo Geisel.

H.L. – Já estavam acabando o negócio da ditadura provavelmente. Aí, resultado, nós então... Nesse processo todo, houve a Olas, a Organização Latino-Americana da Solidariedade, em Havana, Cuba. E o Fidel foi que promoveu isso, "Vamos fazer a Olas aqui". Aí nós fomos. A AP foi convidada, o PCdoB não foi convidado. Isso, pelas ligações do Fidel com a Rússia. O PCdoB não tinha ligações com a Rússia, então foi discriminado de certa maneira.

S.L. – Era com a China.

H.L. – Isso aí, nós lá, quando chegamos, fizemos logo um protesto: "Nós achamos que o PCdoB devia ter sido convidado". E quando estamos expondo nossas opiniões e nossas coisas todas... Nós éramos naquela época foquistas, era o negócio do Che Guevara, era o negócio da teoria do

foco, o foco insurrecional e lá vai por aí afora. Mas, debate *pra* lá e debate *pra* cá, nós de repente somos procurados por um...

S.L. – Por um chinês.

H.L. – Um chinesinho que disse: "A propósito, vocês não querem dar uma chegadinha lá em Pequim, não? É uma cidade muito bonita, antiga". [risos] "Tudo bem, nós vamos lá para conversar". Aí fomos lá na China.

S.L. – De Havana para Pequim.

H.L. – É, de Havana para Pequim. Aí deve ter um detalhe que eu não estou pegando direito, eu sei que quem foi nesse... A pessoa que esteve lá foi Aldo Arantes. E Aldo vai, nós todos aqui...

S.L. – O senhor não foi a Pequim.

H.L. – Eu não fui a Pequim. Nesse momento, não, foi o Aldo só. Aí o Aldo chega lá e os chineses dão um banho no Aldo, não é? Foi palestra sobre isso, palestra sobre isso, teoria sobre isso, teoria sobre... Tudo o que... Os chineses têm as ideias prontas, acabadas e absolutamente sistematizadas. A experiência que nós temos com os chineses, desde então até hoje, é que – isso, em todos os terrenos – eles pensam muito, às vezes falam pouco, e acham graça da... Eu tenho muitos amigos chineses desde aquela época. Eles morrem de rir dessas coisas que se falam da China aqui. Uma vez, eu me lembro bem que o Benjamin Steinbruch publicou um artigo, porque ele tinha ido à China e voltou dizendo que viu lá na China o processo de privatização avançando. Eu tinha um amigo chinês, eu falei: "Qual é o processo de privatização?" Eu morri de rir, ele falou; "Nem essa palavra a gente sabe o que é exatamente. Não existe isso lá". O cara veio... Então, eles puseram como uma epígrafe daquela revista que eles têm que chamava *Pequim Informa* e hoje se chama *Beijing Informa*, a epígrafe é a seguinte: "Conheça a China pelo o que ela diz de si própria". É um pouco... Veja um pouco o que eles acham que eles são, do que você estar dizendo o que ele é. O certo é que o Aldo foi lá e eles apresentaram, de forma muito sistematizada, opiniões sobre diversas questões, a respeito da luta revolucionária... O Aldo traz tudo isso para cá. Tudo clandestino. Entra tudo clandestino.

E quando sai da clandestinidade, nós publicamos isso internamente, dentro de AP. E o curioso também é que tudo isso foi publicado em um caderninho com uma capinha amarela, por mera coincidência. Esse documento passou a ser chamado o Documento Amarelo. "Você já leu o Documento Amarelo?" Eu te perguntava: "Recebeu o Documento Amarelo?" O Documento Amarelo era porque a capa...

[FINAL DA FITA 1-A]

H.L. – ...esse Documento Amarelo, a gente então... Muda de novo a concepção dentro de Ação Popular. Porque a concepção que predominava era uma concepção foquista, do foco guerrilheiro, do subir a serra. É a experiência, mal interpretada, da Sierra Maestra, e que mal interpretada foi pelo próprio Che, subindo a serra lá na Bolívia, e deu no que deu. Ou seja, não é aquilo, não é? Mas quando o Documento Amarelo foi distribuído e foi também discutido e essa coisa toda, de repente nós nos demos conta que o Documento Amarelo nos levou a uma concepção de guerra popular chinesa e de crítica à teoria do foco. Então, endossamos aquela crítica à teoria do foco etc. e tal. E pronto, daí enveredamos pelo caminho de preparar a guerra popular, a guerra de guerrilhas no Brasil. Enveredamos por aí. E nesse terreno encontramos o PCdoB. Só que o PCdoB já estava mais avançado do que a gente nisso, porque a gente fez um caminho muito tortuoso, e veio de outra vertente, mais distante, e o PCdoB não, ele já estava nisso há mais tempo. Aí, quando nós nos demos conta, as coisas já estavam avançadas, começamos os entrosamentos, começamos a... Nós tínhamos uma extração social de, digamos, dessa camada média intelectual e estudantil, com marcas católicas, dessa marca católica de um catolicismo autêntico, uma coisa desse tipo, que nos levava a ter certas formulações assim, de muita honestidade intelectual, tipo: se nós estamos chegando às mesmas opiniões que o PCdoB e se eles já estão nisso há mais tempo, por que nós não vamos entrar no PCdoB? Aí surge a idéia da integração da AP no PCdoB.

S.L. – A APML, já APML.

H.L. – Da APML no PCdoB. E nós então procedemos a esse processo de integração e terminamos encontrando o João Amazonas e Pedro Pomar. Porque o momento da integração foi feito quando eu e o Renato Rabelo, em nome da AP, encontramos com o Amazonas e o

Pedro Pomar. Já tinha acabado de começar a guerrilha do Araguaia e nós batemos às portas: "Nós nos apressamos para vir aqui porque a guerrilha começou, nós já estamos também preparando as nossas coisas num nível avançado e estamos querendo conversar. Estamos achando que os senhores têm mais experiência do que nós, está mais avançado, e nós queremos pedir ingresso". Aí Amazonas disse: "Olha, meninos, se vocês... Entrar no Partido Comunista já é uma coisa de certa audácia, não é uma coisa simples, e entrar depois que o partido começou a guerrilha é entrar para a lista dos que estão condenados à morte. E vocês estão fazendo isto agora. E estão fazendo isso sem pedir nenhuma compensação, nem que querem entrar para a direção do partido. Pois nós queremos lhes abraçar por isso e dizer a nossa admiração e dizer que ficamos muito satisfeitos com isso".

S.L. – E quantos vocês eram na época?

H.L. – Nós éramos mais do que o PCdoB na época. [risos]

S.L. – Mas quanto era, assim, em números absolutos? Você tem uma ideia?

H.L. – Não, não tenho a ideia, não.

S.L. – Cem?

H.L. – Não, era bem mais.

S.L. – Ah, é?

H.L. – Era. Não, os números não são grandiosos, mas algumas centenas. Nós estávamos no Brasil inteiro, e o PCdoB... É claro que nós tínhamos muito menos experiência de tradição acumulada do que o PCdoB, mas nós éramos maiores. Nós éramos numericamente maiores.

S.L. – E toda a APML... Houve resistência a esse processo?

H.L. – Houve resistência sim, alguns, mas lateral.

S.L. – E não foram.

H.L. – Alguns não foram, ficaram aí.

S.L. – E mantiveram o nome?

H.L. – Não, os que saíram... Desfez-se o nome e tem uns certos esforços ainda, muito ainda laterais, pequenos, de manter o nome, mas não tem mais expressão.

S.L. – Na verdade, a APML se dissolveu no PCdoB.

H.L. – Ela se dissolveu. Ela entrou no PCdoB. E foi publicado um documento pelo PCdoB sobre a incorporação de Ação Popular, as lições que foram tiradas etc. Isso foi aprovado na reunião da Lapa, aonde nós fomos presos. Bom, ficamos por aqui agora, não é?

S.L. – É, vamos ficar por aqui.

R.L. – Eu acho que isso daí até pode ser fruto de outra entrevista.

S.L. – Uma outra entrevista com outra temática.

R.L. – Porque é bem interessante.

S.L. – Muito interessante. Mas então, nós sabemos que o senhor é engenheiro...

H.L. – Sou sim.

S.L. – E o senhor é engenheiro elétrico.

H.L. – É, formado na Escola Politécnica, na Universidade Federal da Bahia, em 1963.

S.L. – E o senhor acabou de dizer, e nós já tínhamos visto o seu currículo, o senhor vai para a... O seu primeiro emprego é na Coelba?

H.L. – Não, não foi. O meu primeiro emprego foi no Departamento de Energia do Estado da Bahia, e logo que eu fui empregado, deu o golpe de 64, então eu fui posto para fora no dia seguinte ao golpe. Ou, aliás, no dia seguinte ao que eu reapareci. Deu o golpe, eu sumi. Aí, eu passei umas semanas fora, quando eu voltei, aí o secretário mandou chamar e disse: "Olha, Haroldo, não leve a mal, não, mas é melhor para nós, é melhor para você. Tem essa confusão aí muito grande..." O tal do Jorge, que eu falei que me chamou para a JUC, já tinha sido preso. Ele falou: "O Jorge, que é..." Esse Jorge foi morto depois.

S.L. – É?

H.L. – Foi morto aqui no Rio de Janeiro. "Então, é melhor você..." Eu falei: "Tudo bem. Já que é para eu sair..." Eu nem entrei direito, não é? Aí é que eu fui para a General Electric. Porque a General Electric publicou... Eu vi um anúncio no *Jornal da Tarde* dizendo: "A General Electric precisa de engenheiros". Aí me apresentei. Era um senhor chamado James Steal, um americano. Então, quando ele disse "é uma entrevista, não é?", eu disse: "Mas antes de começar a entrevista deixa eu dizer para o senhor uma coisa, é o seguinte, eu sou de esquerda, eu estava ali no... fui posto para fora agora por causa do golpe. Eu me formei em 63, no ano passado, eu sou novato, mas fui orador da turma, o meu discurso deu uma repercussão enorme, os jornais falaram muito da confusão do meu discurso. Em síntese, eu sou perseguido e essa coisa toda. Então, se isso é problema, então a gente encerra logo a audiência aqui, porque aí nem eu perco tempo nem o senhor também etc. ". Sabe o que ele me disse? Ele disse: "Não, isso é uma recomendação. Nós gostamos muito desse tipo de gente, porque é gente honesta, séria, inteligente, então nós gostamos desse tipo de gente. Se você quiser, a gente faz a audiência agora mesmo". Fiz, passei, me mandaram tomar curso aqui no Rio de Janeiro e eu fiquei na GE um certo período. É quando, paralelamente, estava se criando a Coelba.

S.L. – As empresas estaduais de energia elétrica.

H.L. – É, e na Coelba, que é a companhia de eletricidade da Bahia, o diretor-técnico, o elemento

chave da empresa era um ex-professor meu, Álvaro Moreno. E o Jorge estava lá. Já estava uma turminha toda de esquerda na Coelba, embora o Moreno não fosse de esquerda, mas era um técnico competente, amigo nosso etc. e tal. Aí, um pouco mais na frente, o Jorge articula *pra lá e pra cá* e diz: "Ah, Haroldo, você tem que ir para a Coelba. O que você está fazendo aqui na GE?" Eu falei: "Tudo bem, eu vou". Aí ele foi conversar com o Moreno e o Moreno disse: "Está certo. Vai". E o Moreno gostava de mim, mandou me chamar: "Você quer vir para cá?" "Quero, claro". No processo de arrumar, pegam a minha carteira de trabalho. E aí Moreno disse: "Só tem uma coisa, nós não podemos pagar esse salário que você ganha aqui. Aqui o nosso salário é menor". Aí eu: "Ih, rapaz". Eu falei: "Não tem problema, eu venho ganhando menos, mas eu fico aqui, é uma empresa brasileira, baiana". Aí eu fui para lá. Aí eu fiquei na Coelba. É daí que eu saio para a clandestinidade.

S.L. – E o petróleo na sua vida começou agora?

H.L. – Não, na verdade, não foi. Eu esqueci de falar um outro intervalozinho aí. Um pouco antes disso, eu tentei entrar na Petrobras via o Cenap.

S.L. – Ah, aquele curso?

H.L. – O curso Cenap que existia na Bahia. Então, eu tento entrar, eu faço gestões, mas aí a coisa já estava ficando confusa, a própria Coelba já estava... O meu nome era muito pesado, embora fosse muito jovem. Mas, particularmente, a vida estudantil e essa história toda, achou-se que era o caso de ficar fora. E eu também não estava muito disposto a enfrentar, abrir portas que queriam se fechar para mim. Aí eu: "Está bom. Não me querem, deixa *pra lá*". Aí eu fui para lá, para a Coelba, fui admitido.

S.L. – Quer dizer, o senhor nem chegou a fazer o curso do Cenap.

H.L. – Não cheguei a fazer o curso do Cenap, não. Nesse período anterior, eu já era muito ligado à Petrobras assim, de fora. Eu ia com muita frequência à refinaria de Mataripe, eu participava de todas as assembleias que tinha em Mataripe, falava nas assembleias. Era muito vinculado ao pessoal de lá. Jorge era da refinaria de Mataripe. E eu não saía daquele ambiente

de Petrobras. Quando houve o congresso dos dez anos da Petrobras, eu fui praticamente o organizador principal do congresso... Do congresso não, do ato, do comício, aonde foi... O Miguel Arraes foi para o comício, e nós fizemos...

S.L. – Foi aonde?

H.L. – Foi em Salvador. O congresso dos dez anos da Petrobras foi em Salvador, no Campo Grande.

S.L. – No Campo Grande.

H.L. – É, no Campo Grande. Aí nós fomos, eu conversei antes com o Arraes... Foi quando eu conheci o Arraes, vim a me transformar em um grande amigo de Arraes, e disse para ele: "Dr. Arraes..." Eu era um meninozinho, mas desses meninos presumidos, tipo o Aldo e essa turma toda que botou esse negócio para frente. Nós fundamos a AP, Betinho, Aldo, eu e outros, fundamos a AP quando nós tínhamos vinte e poucos anos de idade, e fundamos uma organização nacional. Então, resultado, aí nós achamos por bem... O congresso de dez anos da Petrobras foi em 63.

S.L. – Foi o ano em que o senhor se formou.

H.L. – Foi o ano que eu me formei. Aí eu cheguei para o Arraes e disse: "Nós estamos achando que o senhor deve ser candidato a presidente da República. É a opinião de Ação Popular". [risos] Você já imaginou? O Arraes disse assim... Eu me lembro bem dele, lá no Hotel Chumaré, em Salvador. Ele olhou assim para mim: "É? Interessante". Eu falei: "Então eu quero lhe dizer o que nós estamos pensando. Nós vamos pichar a cidade toda com 'Arraes 65, o povo no poder'". E pichamos a cidade toda de Salvador. "Arraes 65, o povo no poder". E Arraes viu, viu essa coisa. Ele teve, inclusive, a delicadeza... Eu disse para ele: "Nós estamos com uma turminha lá embaixo do palanque. Quando o senhor for falar, a gente quer aplaudir de uma forma especial em certos momentos do discurso". Eu insinuei que queria ver o discurso de Arraes. Você imagina! [risos] E ele, delicadamente, me mostrou o discurso. Me mostrou o discurso. Eu falei lá isso ou aquilo. Era discurso escrito naquela época, não é?

S.L. – E o senhor não fez nenhuma... [risos]

H.L. – Não fiz. Felizmente, eu não tive essa audácia de fazer. Mas disse: "Nesse momento aqui nós vamos interromper e aplaudir, e nesse aqui". E aí fizemos isso. E ele gostou, ficou satisfeito e essa coisa toda, não é?

S.L. – O senhor conheceu o Carlos Meirelles, não é?

H.L. – Carlos Meirelles?

S.L. – É, Carlos César Meirelles, que foi presidente do CNP nessa época.

H.L. – É, conheci sim. Você o conheceu também?

S.L. – Nós fomos entrevistá-lo.

R.L. – Lá em Salvador.

S.L. – O senhor está falando do Campo Grande, nós estivemos lá com ele.

H.L. – Ah, é?

S.L. – E o senhor esteve lá com ele pouco depois... na morte da esposa do dr. Waldir Pires, a dona Iolanda, não é?

H.L. – Morreu agora a dona Iolanda. Foi isso mesmo.

S.L. – Ele comentou com a gente. Fizemos uma entrevista excelente com ele.

R.L. – Muito boa.

S.L. – Muito, muito boa.

H.L. – É, Meirelles tem uma vivência também muito vasta nesse terreno aí.

S.L. – Ele era um pouco... já uns dez anos talvez mais velho.

H.L. – É mais velho.

S.L. – Mas era muito jovem, porque ele é presidente do CNP com 30 anos ou 31 anos.

H.L. – É, por aí. É isso mesmo. Eu sei que então...

S.L. – A questão do petróleo.

H.L. – A questão do petróleo. Então, eu entro nessa vida, vamos dizer, política, depois da clandestinidade... Eu saio da Coelba e vou imediatamente para a zona do cacau da Bahia, trabalhar como diarista mesmo, como um boia-fria, diarista ou boia-fria, ganhando diária, não é? E era um trabalho muito puxado. O trabalho era muito puxado. E tinha incidentes muito interessantes: a minha mão, no início, sangrava, e eu morria de vergonha de minha mão sangrar e os trabalhadores verem que minha mão sangrava porque era débil. Isso era uma demonstração de fraqueza. Então, eu pegava terra e jogava na minha mão para o sangue não aparecer. Para não aparecer etc. Mas, tudo bem. O certo é que a partir daí é que a AP me chama para São Paulo. Eu saí da zona de cacau e vim aqui para a direção, e aqui é que entra... Quando entra no partido, um pouco depois, ocorre a prisão. Um pouco depois não, em 76 ocorre a prisão e eu passo três anos preso. Eu tinha passado dez anos clandestino, e três anos preso. Aí, saio da cadeia em...

S.L. – Em 79.

H.L. – Na Anistia.

S.L. – Na Anistia, em 79.

H.L. – Quando deu a Anistia, eu estava na cadeia. Aí, em 79 eu saio.

S.L. – O senhor ficou preso em São Paulo?

H.L. – Eu fui preso em São Paulo, fui torturado no Rio de Janeiro e voltei para São Paulo. E depois cumpri pena, metade em São Paulo e metade em Salvador.

S.L. – Ah, é?

H.L. – É. Bom, o certo é que eu então saio da cadeia. E aí, quando saio da cadeia, já era o partido...

S.L. – E agora, não é?

H.L. – Eu saio, em 79, final de 79, passa 80 e 81, há o quebra-quebra de 81, um grande quebra-quebra que houve em Salvador, não sei se você está lembrado, quebraram uns 600 ônibus, uma coisa...

S.L. – Eu me lembro que aqui no Rio foi a época que teve, no governo Brizola, saques em supermercado.

H.L. – Foi o maior quebra-quebra que já houve na história do Brasil. Foi uma coisa extraordinária o tal do quebra-quebra. Aí eu fui preso. Antônio Carlos mandou me prender. Disse: "Olha, prende ele porque..."

S.L. – "Ele está por trás disso."

H.L. – Exatamente. Ele disse: "Ele fica preso até provar que é inocente". [risos] Foi isso mesmo que ele disse pela imprensa. O certo é que eu fui preso. Aí saio. E quando saio, aí já é o partido, eu já fui preso como partido e essa coisa toda, o partido me lança candidato a deputado federal...

S.L. – Pelo PMDB.

H.L. – Pelo PMDB.

S.L. – O senhor foi um dos fundadores do PMDB?

H.L. – É, eu fui um dos fundadores do PMDB na Bahia. Fui da direção do PMDB, na Bahia, eu, Chico Pinto e outros mais, [inaudível] Soares, Luis Leal e tudo. Aí fundamos o PMDB na Bahia, e eu dentro. Mas eles sabiam.

S.L. – Todo mundo sabia, não é?

H.L. – Todo mundo sabia. "Olha, eu sou do PCdoB. Eu estou aqui dentro porque não deixam a gente se organizar". E me respeitavam muito, me tratavam muito bem. Aí eu saio como candidato a federal, e tive uma votação estupenda. Agora, repare bem que é uma votação de protesto, porque nem tempo muito para fazer campanha nós tivemos, nem recurso para fazer campanha. Mas era a notícia assim: "É o ex-presos político que saiu da cadeia. É aquele ali, que foi preso por causa do quebra-quebra". Eu tive em Salvador a maior votação. Em Salvador. Eu e Chico Pinto empatamos, todos os dois tiveram 30 mil votos. Era 30 mil votos e fração. Aí, resultado, aí eu vou para a Câmara, e chego na Câmara em 1983. Em 83, nós tomamos posse. Nós tomamos posse em 83. Eu era então do PMDB, e o Chico Pinto também. Quando eu chego, em 83, aí é o negócio do PCdoB e um pouco também da nossa juventude, ou um pouco da nossa consciência ainda juvenil, eu procurei logo o Ulysses Guimarães e disse para ele: "Dr. Ulysses, eu sou do PCdoB..." Aliás, diga-se de passagem, quando eu fui preso, no quebra-quebra, o Ulysses passou um telegrama para mim na Bahia. Ele não me conhecia mas passou um...

S.L. – O senhor já era filiado ao PMDB?

H.L. – Já era filiado ao PMDB. Ele passou um telegrama se solidarizando etc. Eu fui agradecer o tal telegrama dele, já como deputado federal, e disse para ele: "Agora, é o seguinte doutor, eu represento aqui os comunistas, e nesse sentido, eu gostaria de ter espaço dentro do PMDB".

Ele falou: "Que espaço? Como é que vocês estavam pensando?" Eu falei; "Não, por exemplo, eu podia ser vice-líder do partido". [risos] Só que eu nunca tinha entrado em um plenário. Eu nunca tinha entrado numa Câmara. Porque naquela fase... Eu tive treze anos em minha vida que foi um hiato.

S.L. – Fora do mundo, não é?

H.L. – Fora de tudo. Nem minhas meninas sabiam o meu nome. Minhas filhas não sabiam o meu nome. Era um negócio escondido mesmo. Elas não sabiam que eu me chamava Haroldo, não. Elas souberam quando eu fui preso. Aí o Exército disse: "Seu pai, Haroldo..." "Meu pai não é Haroldo, não. Meu pai chama-se Carlos". E fica por aí. Então, eu era um completo inexperiente na vida parlamentar. Mas, com esse negócio do comunismo e tal... O Ulysses colocou, "Qual seria?" "Eu pensei em ser vice-líder".

S.L. – São vários vice-líderes, não é?

H.L. – São vários vice-líderes. São diversos vice-líderes, mas eu era vice-líder porque eu representava essa corrente. Aí o Ulysses disse: "Eu acho que está de acordo". Aí, resultado, eu fiquei como vice-líder do partido. E tem vice-líderes que atuam e vice-líderes que não atuam. E eu era dos que estavam ali o tempo todo.

S.L. – Na tribuna...

H.L. – Tinha reunião e qualquer coisa, eu estava ali. Eu era um vice-líder muito atuante. Bom, o líder era Freitas Nobre, que era uma pessoa muito interessante, muito interessante.

S.L. – É de São Paulo, não é?

H.L. – É de São Paulo. E eu era vice-líder, e tinha outros vice-líderes etc.

S.L. – Nesse momento, o PCdoB, a esquerda, a brigada do PMDB tinha quantos representantes?

H.L. – Como parlamentares, devia ter dois: eu e Aurélio Peres.

S.L. – Aurélio Peres, de São Paulo.

H.L. – É, de São Paulo. Depois vai ter um terceiro, que foi o Guedes, José Luis Guedes, que foi também presidente da UNE.

S.L. – Minas?

H.L. – Minas, exatamente. O Guedes entrou, então passaram a ser três. Mas nesse momentozinho aí, eram dois. E eu fiquei como vice-líder e tal. E aí é que começa a minha articulação com a Petrobras. Quer dizer, toda e qualquer coisa que existia, relacionada com petróleo, na Câmara, desde 1983 até 2001, que foi quando eu saí de lá, são 20 anos consecutivos... Aí eu participei de tudo relacionado com o petróleo, não só de comissões, de discursos, de fazer teses como de vir aqui, conversar com diretor, participar das discussões. Então, comecei a me entrosar muito. Eu era uma pessoa do ambiente da Petrobras, do ambiente do petróleo. Isso aí eu fui durante esse tempo todo, não é? E terminei publicando, quando houve... Eu fiz não sei quantos discursos sobre esse assunto. E um dos livrinhos que eu tirei chama-se *A Petrobras na alça de mira*, que é o título do livrinho. É um livreto, uma separata que saiu, *A Petrobras na alça de mira*. Quando eu publiquei isso... Outro dia eu fui numa exposição que a Petrobras fez, e eu estou olhando a exposição assim, quando eu olho, eu falei: "Aquilo ali eu conheço!" Era o tal livrinho meu. Era o livrinho meu.

S.L. – Isso foi nessa legislatura mesmo ou já foi na seguinte? Já foi na Constituinte?

H.L. – É depois da Constituinte. Esse livrinho, *A Petrobras na alça de mira*, foi depois da Constituinte.

S.L. – Nos anos 90, provavelmente.

H.L. – É, exatamente. Porque então, na Constituinte... Eu reproduzo isso, em algum local aí eu

reproduzo isso. Não, eu reproduzo isso num artigo, o último que eu escrevi, há pouco tempo, chamado "Caminhos do petróleo no Brasil". Vocês conhecem?

S.L. – Não, não.

H.L. – Eu vou dar isso para vocês agora. "Caminhos do petróleo" é o último artigo que eu escrevi... Eu já escrevi como diretor-geral. Então, ele reproduz um pouco certa história que eu participei, do formato da política do petróleo por parte do Estado brasileiro. Então, eu conto que na época da Constituinte eu estava lá e a maré montante contra a Petrobras foi enorme, e nós organizamos lá uma resistência em defesa da Petrobras. E a organização dessa resistência nos levou a ter articulações com a Petrobras, assim, mais de fundo. Uma das pessoas com quem eu me articulei e que me subsidiou muito, com um material muito bom – não tem nada de sigiloso, eu não estou dizendo que subsidiou com material sigiloso, mas materiais importantes, dados – foi o dr. José Fantini, que foi candidato a diretor-geral e que por razões políticas...

S.L. – O senhor está nesta cadeira.

H.L. – É, por causa disso que eu estou aqui. Por ele não ter vindo é que eu estou aqui etc. Então, o Fantini me ajudou muito, me dava muito subsídio. Eu já elaborei muito material sobre esse assunto. E aí, a defesa da Petrobras na época da Constituinte, foi uma defesa muito bonita. Muito bonita.

S.L. – Teve uma bancada Petrobras.

H.L. – Uma bancada da Petrobras lá. E o pessoal da Petrobras também ia lá na Constituinte e participava etc. e nos dava força e nós publicamos materiais, estudos, debates, palestras. E aí enfrentamos o assunto. A Petrobras salvou-se da Constituinte. Salvou-se da Constituinte. Bom, passam-se cinco anos... Nesses vinte anos, eu participo de tudo lá dentro. Eu estou lhe contando que, dentro desses vinte anos, passam-se os primeiros cinco anos depois da Constituinte e surge a chamada Revisão Constitucional.

S.L. – Em 93.

H.L. – Cujá Revisão Constitucional, não sei se sabe, é um certo embuste. Em que sentido que é embuste? É de que quando houve a Constituinte, a concepção básica da Constituinte era uma concepção parlamentarista. Quem redigiu a Constituinte, o relator-geral era o Bernardo Cabral, tudo bem. Eu fui da Comissão de Sistematização e fui da Comissão de Redação Final. Na Comissão de Redação Final, eu que estava dentro. Era um grupinho pequeno, com o Ulysses Guimarães como dirigente e o Bernardo Cabral e essa coisa toda. O texto que nós nos orientávamos era o texto do Afonso Arinos. O Afonso Arinos, antes de ser...

S.L. – Ele era de uma comissão.

H.L. – Ele tinha sido daquela comissão e ele elaborou a Constituição do princípio ao fim. Nós, da esquerda, no início criticávamos: "Que absurdo!"

S.L. – "Da UDN, texto udenista!"

H.L. – É, e: "elaborar uma Constituição à margem do processo político, à margem das aspirações populares". A gente não nem tinha lido quem elaborou, não. Quando nós começamos a fazer a dita cuja, a Constituinte, que começamos a participar mesmo: "Vamos fazer o capítulo sobre o Estado. Mas o que a gente escreve? O que é que escreve?" Aí a gente começou a dar uma espiadinha na Constituição do Afonso Arinos. Aí a gente foi descobrindo que a Constituição do Afonso Arinos era muito boa, tratava dos assuntos sistematicamente e por aí afora. E ele lá, uma figura imponente, uma figura extremamente simpática, muitíssimo modesta. Porque ele estava ali com aqueles meninotes tipo Haroldo Lima, que estavam falando, fazendo o diabo, e ele do mesmo lado ali. Quanto à diferença cultural e, digamos assim, e constitucionalista de um e do outro, éramos muito diferentes, os da minha geração, essa turminha toda.

S.L. – É, ele, um jurista, inclusive.

H.L. – Um jurista de escol, e nós não éramos. Nós éramos uns meninotes que estavam ali. E o Genoíno estava ali também, e eu... Nós começamos então a nos debruçar sobre a proposta do

Afonso Arinos. E a Constituição no final sai uma Constituição parlamentarista. Mas quando sai a Constituição parlamentarista, tem as votações finais, a votação final, aí perdemos. Perdemos, e prevaleceu o presidencialismo. Mas a Constituição já estava elaborada. Aí, teve que arrumar a Constituição para ela ficar presidencialista. E ficou uma coisa meio remendada, ficou meio assim. Ela é presidencialista, mas está escrita sob forma parlamentarista. É uma coisa qualquer desse tipo. Aí nós colocamos lá o seguinte: "Vamos fazer, dentro de cinco anos, um plebiscito, para examinar se prevalece o parlamentarismo ou o presidencialismo. Bom, se predominar o parlamentarismo, é necessário fazer então uma revisão constitucional, para deixar a Constituição parlamentarista". Por isso se cogitou de fazer o plebiscito.

S.L. – Nessa altura...

H.L. – E a revisão era para adaptar a Constituição, na hipótese de prevalecer o parlamentarismo. Então, tinha que adaptar. Tinha que fazer uma revisão por causa disso. Era para isso. Eis que perdemos no plebiscito. Perdemos no plebiscito...

S.L. – E nesse momento o senhor já exercia o mandato pelo PCdoB.

H.L. – Aí eu já era do PCdoB.

S.L. – Porque desde 85 que os dois partidos comunistas...

H.L. – Exatamente.

S.L. – ...foram legalizados, pelo Sarney.

H.L. – Pelo Sarney.

S.L. – No início do governo dele.

H.L. – No início do governo Sarney.

S.L. – Em maio, se não me engano.

H.L. – Sarney teve uma atitude muito resoluta nessas coisas, ele legalizou o Partido Comunista, os dois partidos, como você diz aí, legalizou a UNE, legalizou a CUT, legalizou o CIT, recebeu o João Amazonas e Haroldo Lima no Palácio do Planalto e no Palácio Alvorada, ostensivamente, com recepção de gala, aquela recepção com aqueles soldados todos. Eu me lembro que estava subindo eu e Amazonas, subindo a rampa do Palácio, e aqueles caras todos toc-toc-toc, bateram aquela continência e aquela coisa toda. O Amazonas, que é todo assim, olhou para mim e disse: "Olha aí para trás porque deve estar vindo alguém importante". [risos] Aí eu olhei para trás e disse: "Não é não, o importante somos nós mesmos, João. O negócio aí é para nós". Ele falou: "Rapaz!" O Sarney mandou botar isso. E ele disse uma vez para mim, bem depois, que ele fez isso de propósito, que era para chocar, e tinha que ser no quente, naquele instante, já criava aquele fato: o presidente do Partido Comunista e o líder do Partido Comunista eram recebidos em palácio com...

S.L. – Com toda a pompa e circunstância.

H.L. – Com pompa e circunstância. E isso aconteceu. Isso aí a gente tem que reconhecer, que o Sarney não só teve clarividência como teve coragem. Porque hoje é fácilimo fazer isso, mas naquela época era coisa... Os baixinhos ainda estavam por ali. Os "homens", não é? Mas, voltando ao assunto...

S.L. – A 93.

H.L. – A 93. Então, faz-se a revisão. Digamos, perdido o plebiscito, resolveu-se então... A rigor, não precisava fazer revisão. Você está entendendo? Porque a revisão era para ser feita para adaptar a Constituição na hipótese do plebiscito derrubar o presidencialismo. Não derrubou, então estava pronto lá. Não, aí: "Agora, vamos aproveitar que já existia o dispositivo de fazer a revisão e vamos fazer a revisão para poder mudar algumas coisas". Já era o neoliberalismo se introduzindo no Brasil. "Vamos aproveitar essa história da revisão e..."

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

S.L. – ...ameaça que a Petrobras voltou a sofrer.

R.L. – Então, recapitulando. Por favor.

H.L. – Recapitulando, como eu falei, na Constituinte houve uma frente pró-Petrobras muito grande e forte, e uma frente contra a Petrobras também muito forte. O embate se estabeleceu no ambiente da Constituinte e nós crescemos muito lá e ganhamos. A Petrobras safou-se, quando existia ameaças na Petrobras, e, em particular, no monopólio estatal do petróleo na exploração e produção. Cinco anos depois, eu estava dizendo que não era nem para ter a revisão, mas, como já existia um fluxo das ideias neoliberais no Brasil, o pessoal achou que... "Aproveita esse negócio da revisão, que iria ter, e vamos fazer a revisão de qualquer jeito". Para rever a Constituição, e não o aspecto parlamentarista da Constituição, ou os itens parlamentaristas da Constituição. Aí resolveu se rever tudo. Entre o tudo, com força entra de novo o negócio do petróleo. Aí, o que acontece? Acontece que nós, de novo, articulamos a resistência. Nessa articulação que eu estou falando, o meu papel sempre foi um papel de estar... Vamos dizer, o núcleo da resistência era dentro do meu gabinete. O núcleo, digamos assim, a sede da resistência e o local das reuniões era dentro do meu gabinete. Sempre foi, o tempo todo. Esses materiais que eram enviados eram todos elaborados lá: os dados, os assuntos, esses materiais que o próprio Fantini mandava diretamente para mim – isso não era publicado porque era ele que estava mandando. Não sei se ele vai ficar insatisfeito de eu dizer que foi ele que me deu essas coisas. Ele me deu muita coisa, me ajudou muito, do ponto de vista assim, de subsídios teóricos sobre o assunto. A elaboração de muito texto que eu fiz por aí, relacionado com aquilo, foi com base nele, embora não fosse redação dele. Ele mandava muito os textos, documentos.

S.L. – A matéria-prima.

H.L. – A matéria-prima. Mas eram coisas importantes que eu não tinha acesso se não fosse através dele.

R.L. – Agora, nesse momento, o seu contato é exclusivamente com Petrobras ou já tinha um

contato com o CNP, e depois com o DNC?

S.L. – O DNC, já era o DNC.

H.L. – Não, era basicamente a Petrobras.

R.L. – Basicamente a Petrobras.

H.L. – Era basicamente a Petrobras. Basicamente a Petrobras. E nessa segunda fase que eu estou me referindo, que é a fase da Revisão Constitucional, aí a situação já muda. Ou seja, a frente em defesa do monopólio estatal do petróleo lá dentro, em defesa da Petrobras, não era em defesa da empresa Petrobras, da sobrevivência da Petrobras, em defesa da Petrobras ser o realizador único da extração e produção de petróleo no Brasil, enfim, do monopólio estatal do petróleo em exploração e produção, essa frente diminuiu, passou a ser bem menor. Eu, que acompanhei a primeira com toda a força, praticamente dirigi a primeira, e também a segunda, eu achava... eu fiquei surpreso. A coisa caiu de força. Os próprios técnicos da Petrobras também nos ajudavam menos, os materiais que vinham eram menos, e a base parlamentar que também se movimentava por aquilo também caiu bastante. Mas a Revisão como conjunto, inclusive por outras razões, foi toda derrotada. Foi toda derrotada. Nós fizemos uma obstrução que foi a maior obstrução que já houve na história do Congresso brasileiro, foi feita nesse período. E claro que foi vitoriosa a obstrução, porque o próprio governo e o Itamar...

S.L. – Era o Itamar. É isso que eu ia comentar.

H.L. – ...não estava muito a fim de botar a coisa para frente e essa coisa toda. Então, foi assim, e terminou, a gente ganhou. Ganhou no sentido de que a Revisão não passou. A Revisão foi derrotada. Foi derrotada e essa coisa toda. Aí, pronto. Aí, passam-se alguns anos e vem o Fernando Henrique. E aí o Fernando Henrique encaminha a Emenda nº 9, que é a emenda...

[FINAL DA FITA 1-B]

H.L. – ...quando chega na Câmara a Emenda nº 9, emitida pelo governo Fernando Henrique

Cardoso, que objetivava acabar com o monopólio estatal do petróleo que era exercido, em exploração e produção, pela Petrobras. Então, acabava isso. Porque a Petrobras nunca exerceu o monopólio na faixa de revenda e distribuição, não era bom isso, não. Mas na faixa de exploração e produção era. Bom, aí acontece uma coisa impressionante, aquela resistência que ocorreu na Constituinte, que diminuiu na época da revisão, aqui diminuiu mais ainda, foi muito pequena. E as entidades petroleiras da época, todas participaram de forma débil. Eu devo dizer com sinceridade, faço uma ressalva aí da Aepet, que na época teve uma posição também de resistência, continuou com resistência.

S.L. – A Associação de Engenheiros.

H.L. – É, Associação de Engenheiros da Petrobras que não tinham muita força como entidade, não era uma entidade... Não era uma FUP, a Federação Única dos Petroleiros, ou uma CUT. Não era nada disso. Era uma associação de engenheiros cuja representatividade não era muito grande, mas tinha nome, tinha certa militância, pequena mas tinha. Esse pouco que tinha, a Aepet cumpriu, mas não repercutiu. E quando chegou lá na hora, na comissão especial que se criou para examinar o assunto, era relator... Relator ou presidente? Não, era presidente o Alberto Goldman. Alberto Goldman. Eu me lembro muito bem que o Goldman tinha um especial cuidado para quando eu falava. Quando eu pedia a palavra, ele era rigoroso no regimento: "O tempo que V. Ex^a. vai falar. Já passou o tempo. O tempo é isso". Porque em comissões desse tipo, você tem uma certa liberalidade, porque a comissão é para examinar o assunto, não é para marcar posições. Às vezes tem intervenções longas, e o outro repete... Na comissão, não é no plenário. Isso não existia lá. Eu me sentia assim, constrangido, quando ia falar, pela pressão que exercia o Alberto Goldman, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro e que pessoalmente se dava bem comigo etc. Mas era uma posição assim, parecia que ele estava ali atento à questão de não permitir um espaço muito grande para mim etc. Mas eu me esforçava lá e terminei apresentando um voto diferente, um voto isolado, um voto em separado, como se diz. O voto em separado meu foi longo, e eu fiquei com a impressão que era um voto demolidor. Eu fiquei com a impressão de demolidor por quê? Porque os argumentos eram consistentes e os dados que eu denunciava eram também verdadeiros. Eu me lembro bem que a emenda que quebrou o monopólio estatal do petróleo no Brasil, a justificção é absolutamente irrisória, não tem nenhum argumento sólido. E eu me lembro que eu peguei a

justificação assim, minuciosamente, "São tantos parágrafos. Vamos analisar agora o primeiro parágrafo. Então, mostrou o segundo parágrafo e não diz porque vai quebrar. Nada diz! Não se explica. Há uma razão misteriosa aí por trás que não aparece na discussão". E vai por aí. Eu sei que perdemos a coisa. Diga.

R.L. – Desculpa. O senhor teria esse arrazoado?

H.L. – Esse arrazoado é o livro.

R.L. – Ah, é o livro!

H.L. – É o livrinho.

R.L. – Perfeito.

H.L. – Mas eu vou ver se eu... Eu, na verdade, eu não tenho nem isso, viu?

R.L. – Seria interessante para nós.

S.L. – Depois a gente pode...

H.L. – Chama-se... Porque são uns dois ou três livros que eu tenho sobre o assunto. Esse aí, eu não sei qual é exatamente. Eu tenho isso em um... Ah, eu tenho um outro livro publicado chamado *Semeie as palavras*. Sem meias palavras, não é? O *semeie as palavras* é no duplo sentido, de que está semeando palavras e está falando de forma direta. Nesse *Semeie as palavras*, um dos artigos é esse. Eu vou dar para vocês, porque eu acho que eu tenho ali dentro. Aí, perdemos a questão. A minha vinculação perdeu-se mas salvou-se a ideia da Petrobras. Aí vem o governo Lula. A próxima etapa aí é o governo Lula, não é?

S.L. – Porque, na verdade, a Lei do Petróleo, que foi resultado dessa discussão toda, que é de...

H.L. – É a Lei 9.478.

S.L. – Que é de julho de 97, não é isso?

H.L. – A lei é a 9.478, que vem em 97. Vem no final de 97, parece. Não é no final, não?

S.L. – Eu acho que é em meados.

H.L. – É em meados. Por aí. Vem no final de 97. Então, vem um ano depois da Emenda 9 ser aprovada. A emenda então é aprovada e aí vem a lei que vai regulamentar a tal da emenda. Essa lei é que cria a ANP, é que cria o CNPE...

S.L. – O Conselho Nacional de Política Energética.

H.L. – O Conselho Nacional de Política Energética, cria a ANP e fala sobre a Petrobras. Mas a Petrobras escapou como empresa. Aí, a ANP vem sendo dirigida pelo David Zylbersztajn e, mais à frente, pelo embaixador Sebastião etc. Vem o governo Lula. Aí, no governo Lula, eu participei entusiasticamente da campanha, a campanha foi vitoriosa etc., e aí termina eu recebendo um convite do governo Lula, do próprio Lula, para vir para a Diretoria da ANP.

S.L. – O senhor foi candidato ao Senado.

H.L. – Em 2002, na eleição de 2002, eu tinha vinte anos de Câmara, vinte anos interruptos, e como eu não sou uma pessoa displicente, ou estou ou não estou. Eu tinha uma atividade intensa na Câmara, eu não era relapso. Na Constituinte, deu-se o balanço final de quem teve mais presença na Constituinte, dentro de toda a Constituinte. Você sabe quem foi...? Têm alguns, são uns cinco ou seis. Dois, você sabe quais são? Luis Inácio Lula da Silva e Haroldo Lima. Ele era o líder do PCdoB e eu era o líder do PT. Aliás, o contrário. [risos] O contrário, não é? Aí, resultado, isso, depois de vinte anos, aquele negócio ali já estava ficando um pouquinho... Eu já achava que devia dar espaço para gerações novas que estavam se formando na Bahia, no PCdoB e que com a minha presença teriam dificuldades de vir, ou então eu perderia. Na minha avaliação, as condições de eu ser eleito nunca estiveram tão boas quanto da quinta eleição. Porque quando eu fui eleito da primeira vez, o PCdoB era muito pequeno, não tinha nenhum

vereador, não tinha nenhum líder sindical, não tem nada. Agora, cinco anos depois, são não sei quantos vereadores, a maioria das lideranças sindicais da Bahia é tudo do PCdoB. Então, a possibilidade de eu ser eleito seria... Daqui a pouco eu me transformo num deputado federal... Profissão: deputado federal. E eu não sou deputado federal, eu estava deputado federal. Tem que abrir para outros e mudar um pouco. Aí, nada melhor do que me candidatar a senador para enfrentar Antônio Carlos Magalhães. Estava na cara que eu ia perder, não tenha dúvida, embora eu não dissesse isso porque senão eu perdia voto. Mas era sair pela porta da frente. Eu saí lutando. Saí lutando. Aí tive 1,3 milhão votos. Em termos da Bahia, é uma votação muito grande, extraordinária. Em alguns lugares, eu ganhei de Antônio Carlos, ganhei do César Borges em Salvador, era o candidato dele. E pronto, aí eu fiquei fora do Parlamento. Aí o Lula organiza o governo, me convida para a ANP e eu aceito. Consulto algumas pessoas e aceito. Vim para cá e aí começo a me debruçar sobre os assuntos. Eu não sei se vocês querem fazer perguntas ou querem que eu fale, porque o tempo já está chegando...

S.L. – O senhor chega para ocupar... Tinha uma vaga na Diretoria...

H.L. – Eu chego para ser diretor-técnico. Eu sou diretor-técnico da Agência e começo a me debruçar sobre a Agência. Eu chego meio desconfiado e também atento às mudanças que estão sendo feitas no mundo e no setor do petróleo no Brasil. E aqui na ANP eu começo a ter contatos com dados que não tinha antes. Dados que o Fantini me dava antes, na Petrobras. Aqui eu tenho dados, inclusive, mais gerais, porque não é só de uma empresa, são dados do restante. E consegui fazer uma espécie de uma... ter visão de conjunto do que se passou no Brasil nos últimos sete ou oito anos, que é depois que acabou o monopólio estatal do petróleo. E aí, para o meu espanto, depois que acabou o monopólio estatal do petróleo, algumas coisas se passaram: primeiro, que a Petrobras tinha crescido bastante, tinha se fortalecido muito. Ora, na minha cabeça de parlamentar, quando eu batalhava aí com força, e era dos mais ardorosos na defesa do monopólio estatal etc., é porque eu achava que, passando esse modelo aí, era para acabar com a Petrobras, queriam privatizar a Petrobras. Tem não sei quantas denúncias minhas aí: "Estão privatizando a Petrobras pelas beiradas, vendendo para depois ficar só uma empresa de gabinete, não ter mais a Petrobras". Eu descobro que isso não aconteceu. Se não aconteceu e por que não aconteceu é um segundo problema. Eu acho que não aconteceu, inclusive, pela nossa resistência. Corria o risco de acontecer mesmo isso, mas não aconteceu. Alguém pode

argumentar que "nunca houve esse plano". Não sei, tendo havido esse plano ou não tendo havido esse plano, o certo é que esse plano não se consumou. Pelo contrário, no ambiente novo que se formou, a Petrobras cresceu bastante. Segundo, no ambiente novo que se formou, o setor do petróleo cresceu assustadoramente no Brasil. Nos últimos sete anos, oito anos, nós passamos... O setor do petróleo que, há sete anos atrás, correspondia a 2,7% do PIB nacional, hoje é 10,5. Então, cresceu bastante o setor do petróleo. O setor, como conjunto, em um ambiente em que a economia brasileira tem crescido muito pouco, e agora voltou a decair, numa situação dramática, porque tem vinte e tantos anos que nós estamos assim, atolados como economia, nesses últimos sete anos a economia brasileira cresceu 26% no total. É muito pouco. O setor do petróleo cresceu 318% aproximadamente. Teve um crescimento extraordinário. Então, é o segundo fato importante. O terceiro fato importante é que mudar esse formato que tem aí, primeiro, precisaria ter razões: estão acabando com a Petrobras, está acabando com o setor do petróleo, estão liquidando com as nossas reservas. É isso? Então vamos voltar a contar esse troço. Mas não era isso. As reservas estão crescendo, a Petrobras dobrou as reservas. Mais do que dobrou as reservas nos últimos sete anos. Mais do que dobrou. Nós estamos, sim, atrasados enormemente atrasados, do ponto de vista de estudo das bacias sedimentares brasileiras, porque nós conhecemos aproximadamente 7% dessas bacias e precisamos conhecer bastante, e para isso precisamos ter verba para desenvolver estudos etc. Nós estamos explorando a... A exploração e produção que se faz hoje no Brasil, até agora, antes da sétima rodada, era de 3% das bacias sedimentares. Nós estamos no início. Agora, com os novos contratos que nós vamos assinar dentro de pouco tempo, nós vamos chegar a algo em torno de 6 a 7%. É o que nós exploramos e produzimos. É onde estamos. Somando tudo, estamos... estaremos daqui a pouco em 6 a 7%, porque hoje estamos em 3%. Então, nós temos um ambiente enorme para crescer aí. Como é que vai ser? Nós tínhamos, no Brasil, furados... Mais ou menos 22 mil poços de petróleo são furados no Brasil desde mil novecentos e não sei quantos. Em 39, se furou aquele poço lá, que é o de Lobato. Desde 39, deu certo. De lá *pra cá*, nós furamos 22 mil. Os Estados Unidos furou 4,5 milhões. No mesmo período ou em um período um pouco maior, mas 4,5 milhões. E 22 mil, 23 mil é quanto o Canadá ou os Estados Unidos fura por ano. Então, nós precisamos correr atrás. Por outro lado, nós não temos necessidade de alterar esse quadro. O quadro não está dramático. Nós não estamos perdendo, não, estamos é atrasados em correr um pouco mais. Estamos despertando, uma coisa que eu vou falar no final, para encerrar essa audiência, eu falo no final, é uma das coisas que eu acho

mais importantes. Mas então, estamos, por outro lado, sem ter razões para lutar contra isso: não tem nada caindo, não tem nada se perdendo. Nós não temos razões. E por outro lado, se tivéssemos razões, não tem uma pessoa que nos apoie. Já perceberam? A Aepet, que no passado teve uma posição que eu realcei aqui, da maior importância, hoje é uma posição que eu chamaria assim, da chamada esquerda estagnada. É a esquerda que não anda, é a esquerda que não se orienta pelo o que Lênin dizia: "O nosso pensamento deve ser a análise concreta da situação concreta". Isso é alma viva do nosso pensamento. A alma viva do nosso pensamento é a novidade, é examinar as coisas que estão acontecendo. Nós não podemos ficar parados, examinando as coisas que aconteceram há 30 anos atrás e com as mesmas palavras de ordem de 30 ou 40 anos atrás. Não é possível! Nós não fizemos aquilo com o maior ardor? E foi extremamente positivo. A grande vitória que nós temos de todo esse passado é ter produzido uma empresa que se chama Petrobras, que hoje é uma das maiores do mundo e é brasileira, é nossa. Essa é uma coisa fundamental nesse modelo que está aí. Esse modelo que nós estamos colocando em prática anda aí com muito vigor porque tem a Petrobras. Mas é preciso então deixar que ela ande. A Petrobras está crescendo. A Petrobras hoje está em quinze países, virou uma multinacional. Não estaria em quinze países se esses quinze países não pudessem estar vindo para cá. Porque nós não podemos raciocinar que os outros são bestas e nós somos sábidos, que nós passamos os outros para trás e os outros têm que se sujeitar a isso. Não é isso, não! Que história é essa? É nesse movimento novo que nós estamos nos saindo bem. A Petrobras está se saindo muito bem nesse movimento novo. Nós estamos crescendo. Os nossos desafios são esses. Mas eu estava dizendo, como não existe base objetiva para suscitar mudanças e suscitar operações, não existe... É como você pensar, na Câmara Federal hoje, em formar um grupo de dez deputados para defender a mudança desse modelo, não tem os dez deputados. Não vai ter os dez deputados, então você está falando coisas abstratas. Você tem que falar coisas concretas. E, finalmente, esse modelo, na minha opinião, depois que eu cheguei aqui... Eu peguei uma pessoa aqui dentro, chamada Newton Monteiro, esse que vocês vão falar aí, e o Newton estava saindo, mas eu percebi que o Newton levantava certas ideias nas conversas comigo. Era muito modesto ele, mas levantava certas ideias. E ele não é um político, não entende nada de política. Então, o que ele levantava? A ideia de que a gente pode aproveitar... Ele tinha uma ideia lá do Poço Escola, na Bahia, aproveitar poços antigos que estão desativados, com reservas marginais de petróleo. "Estão desativados, estão trancados, mas a gente pode revitalizar aquilo. Lá na Bahia a gente está produzindo, um poço produz 17

barris por dia. Um pocinho. Mas quem sabe..." A partir daí, e apoiado no coisa, e eu dei então ressonância política, uma coisa que o Newton não dava porque ele não é político, não sabe fazer ressoar as coisas, não sabe falar assim como eu estou falando aqui. Então, resultado, eu dei ressonância política: "Ah, vamos colocar essa ideia". Nós vamos então criar, nesse novo modelo, nós vamos introduzir uma coisa nova. Que coisa nova é essa? É criar no Brasil uma coisa até então inexistente, que é o setor do pequeno e médio produtor de petróleo. Isso é uma coisa que nunca existiu no Brasil. Existe nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, além de todos os mesmos que estão lá, Esso, Shell, British Petroleum, tudo quanto é grande está lá, ao lado disso, eles têm 23 mil independentes. Bom, alguns são grandes, outros são pequenos, são umas bobaginhas, é um fundo de quintal. Mas eles não dispensam esse fundo de quintal. Com esses 23 mil, eles incorporam mais ou menos 300 mil pessoas.

S.L. – Trabalho? Emprego?

H.L. – Trabalho, emprego. Produzem, os 23 mil juntos, cerca de 40% da produção americana de petróleo. Nós não temos isso. Então, eles não podem se dar ao luxo de dispensar esse setor. Nós podemos? Não. Então, nós colocamos aqui. E depois que eu assumi a Diretoria-Geral... Nisso, o Newton sai. O Newton sai porque terminou o mandato dele. O Newton sai e eu fiquei sustentando essas ideias aqui dentro. Sem o respaldo técnico do Newton, mas a ideia foi indo, foi indo etc. e tal. E aí vaga o... Eu fui ao Newton: "Você não quer voltar para a ANP?" Ele falou: "Querer, eu quero. Agora, eu não tenho um apoio político, não conheço ninguém, não vou pedir a ninguém para voltar. Enfim, isso está aí, na estaca zero. A não ser que você queira ajudar". Eu falei: "Você deixa eu ajudar?" "Deixo". Aí eu fui e deu certo. Converso com um, converso com outro, aí os caras dizem: "Haroldo, quem é esse cara? Esse cara é da turma de Fernando Henrique?" Eu falei: "Não é da turma de Fernando Henrique. Estava na época do Fernando Henrique, mas paciência, é gente boa". Então, o pessoal...

S.L. – E é baiano.

H.L. – E é baiano. [risos] Aí botamos ele aí. E estamos agora... Essa vertente nova que estamos formulando, que é... E a sétima rodada foi a expressão disso. A sétima rodada trouxe à tona, pela primeira vez, na parte dos blocos exploratórios, uma quantidade muito maior de empresas

pequenas e médias. Porém, pequenas e médias na parte exploratória é coisa grande. E na parte desses poços desativados...

S.L. – Do Recôncavo, não é?

H.L. – ...trouxe dezenas e dezenas de empresinhas pequenas, todas brasileiras, dispostas a formar uma vertente nova aqui no Brasil.

S.L. – Um setor, não é?

H.L. – Um setor novo, que é o setor do pequeno e médio produtor de petróleo. Terminei, gente.

S.L. – Olha, foi ótimo...

R.L. – Maravilhoso.

S.L. – É uma pena que a gente esteja nessa corrida aí.

R.L. – Mas a gente volta.

S.L. – A gente volta.

H.L. – Está bom.

[FINAL DO DEPOIMENTO]